

BETHENCOURT, Francisco (ed.) (2018). *Inequality in the Portuguese-speaking world: global and historical perspectives*. Brighton, Portland: Sussex Academic Press, 294 pp., ISBN: 9781845198466.

Francisco Bethencourt, editor da obra *Inequality in the Portuguese-speaking world: global and historical perspectives* é professor da cátedra Charles Boxer de História no King's College de Londres. Centrada na temática das desigualdades, apresenta catorze contributos que analisam a temática em chave de síntese e numa ótica poliédrica, numa combinação de aspetos económicos, políticos, sociais e culturais, particularmente em Portugal, Brasil, Angola e Moçambique.

No ponto de abertura, Bethencourt problematiza as definições e interpretações das desigualdades, colocando em evidência o impacto do colonialismo e do imperialismo no agudizar das desigualdades entre países desenvolvidos e países em desenvolvimento, isto é, entre as potências colonizadoras e as suas colónias.

O livro segue dividido em três partes sistematizadas, a saber: *Modern Social Inequality; Postcolonial Identities; e The Colonial Period*. A primeira aborda a questão da desigualdade social moderna, essencialmente no Brasil (dois capítulos) e em Portugal (três capítulos). Em *Race and Inequality in Brazil: A Deep Shadow*, Lilia Schwarcz advoga que o legado da escravatura e o consequente racismo entre pessoas brancas e negras é um dos principais fatores das desigualdades sociais no Brasil. Para fundamentar este argumento recorre a múltiplos indicadores, designadamente a educação, o emprego, a saúde, a pobreza e a distribuição de rendimentos, na viragem do século XX para o século XXI, período em que o país tem a tarefa de consolidar a democracia, as instituições democráticas e as eleições livres.

Celia Lessa Kerstenetzky é a autora que se segue. Em *Inequality and Redistribution: Welfare State Development in Brazil?* analisa o desenvolvimento do estado social no Brasil entre 2004 e 2014, isto é, durante as governações de Luís Inácio Lula da Silva e de Dilma Rousseff. Neste capítulo reflete-se sobre o modelo adotado para aumentar a redistribuição da riqueza estatal no sentido de reduzir a pobreza e as desigualdades. Como aí se demonstra, a consolidação deste modelo sofreu um forte desinvestimento devido à crise económica internacional, que resultou num programa de austeridade para fazer face à crise económica e financeira, mas também devido aos escândalos de corrupção que abalaram o sistema político brasileiro.

Portugal constitui o foco de Carlos Farinha Rodrigues, que sob o título *Inequality of Income in Portugal*, reflete sobre as desigualdades entre os meados

da década de 90, do século passado, até ao ano de 2009. Apresentando diversos dados estatísticos, com diferentes indicadores, o autor mede a distribuição dos rendimentos, constatando que durante o período analisado os níveis de desigualdade e pobreza diminuíram gradualmente. Tendo em conta o quanto a grave crise económico-financeira afetou Portugal, Carlos Rodrigues revela que, em 2014, Portugal tinha dos mais altos níveis de desigualdade (34%) em comparação com a média dos países da União Europeia (31%). Conclui, portanto, que “Portugal recuou cerca de uma década e alargou o fosso em relação aos níveis médios da UE” (p. 79).

É exatamente sobre esse período conturbado de crise económico-financeira que incide o estudo de Tiago Fernandes, intitulado *Organizational Sources of Social Resilience and Progressive Governance: Portugal during and after Austerity (2008-2015)*. Nele analisam-se os anos de impacto da recessão internacional em Portugal, o pedido internacional de assistência financeira concedido em 2011, no Memorando de Entendimento entre o governo português e a Troika, e o período subsequente, que ditou o fim de uma política de austeridade. Aí se conclui que as organizações da sociedade civil mostraram uma enorme capacidade de resiliência, colocando-se ao lado da ala esquerda da política portuguesa.

Pedro Ramos Pinto assina o último capítulo da primeira parte. Em *The Estado Novo and Making of Portugal's Unequal Modernity*, analisa as origens das desigualdades modernas em Portugal, procurando demonstrar que o *Estado Novo* utilizou políticas fiscais e sociais no sentido de constituir uma cultura passiva na sociedade, de cidadãos obedientes, dentro de um estado corporativista, que só veio a ser alterado com a democracia e a subsequente modernização económica do país.

A segunda parte do livro é dedicada às identidades pós-coloniais, incidindo os dois primeiros capítulos sobre o Brasil, ao passo que os demais discorrem sobre Moçambique e Angola. Em *The Slow Men: Daily Rhythms and Social Inequality in Nineteenth-Century Brazil*, Laurent Vidal, apresenta o conceito de “*slow men*”, metáfora destinada a caracterizar um grupo social que resistia às mudanças económicas e industriais brasileiras do século XIX, sofrendo com a desigualdade social de não corresponder aos “ritmos mecânicos” do novo século, acabando por cair numa posição marginalizada da sociedade devido à “*slowness*”. De seguida, em *Inequalities in Brazilian Literature*, Vinicius Mariano de Carvalho enfatiza as desigualdades na produção literária, desde os tempos do Brasil colonial, até à evolução pós-colonial e atualmente com o incremento de novas correntes literárias baseadas mais nos problemas da sociedade brasileira: raça, género, minorias e o empoderamento das classes marginalizadas.

O capítulo seguinte, da autoria de Hilary Owen, intitula-se *The Garden of So Many Men? Women, Equality and Liberation in Mozambican Cinema*. Através da análise de dois filmes moçambicanos: *Virgem Margarida* e *O Jardim do Outro Homem*, a autora procura demonstrar o papel da mulher no cinema pós-colonial moçambicano, colocando em análise os problemas e vulnerabilidades num país ainda muito marcado pelas fortes desigualdades de género, saúde e educação. A segunda parte da obra fecha com um texto de Margarida Calafate Ribeiro, intitulado *Inequalities, in Other Words: Literary Portrayals of the Cities of Luanda and Maputo*. Baseando-se em imagens, mapas e descrições literárias das cidades de Luanda e Maputo, a autora alega que as desigualdades políticas e sociais foram determinantes para moldar o urbanismo de cada cidade, seja em período colonial ou pós-colonial.

A terceira e última parte deste livro é dedicada ao período colonial, com particular enfoque no Brasil, Angola e, de uma forma mais abrangente, o Império Português. Em *Inequality, Difference, and Violence: The Brazilian Case in Historical Perspective*, Laura de Mello e Souza inicia a sua análise com o sistema escravagista, um dos elementos explicativos, segundo a mesma, da violência e desigualdade que caracteriza ainda hoje a sociedade brasileira. Contudo, a autora advoga não ser sensato afirmar que essas características negativas derivam unicamente do sistema escravagista, isto porque após a sua abolição, novos sistemas de exploração de homens-livres expandiram-se num novo modo de vida, alicerçado nas elites que mantinham este sistema.

O capítulo seguinte, *Social Inequality in the Portuguese Empire*, foi escrito por Francisco Bethencourt. São duas as vertentes que utiliza para o estudo da desigualdade social: a emigração portuguesa para o Império e o impacto que o Império acarretou para as populações nativas. São também duas as principais conclusões de Bethencourt: 1) os portugueses deslocados nos territórios imperiais tinham mais facilidade de ascender socialmente do que os residentes na metrópole, o que contribuía para manter as desigualdades sociais e económicas, porque a grande maioria desta população (camponeses, comerciantes, nobres, clérigos, etc.) não regressava a Portugal; 2) havia uma forte miscigenação entre portugueses e nativos, mas um domínio baseado na escravatura tornou enraizada na sociedade a violência, o abuso, o preconceito e a discriminação.

O contributo que se segue foi escrito a duas mãos. Em *Inequalities on Trial: Conflict, Violence and Dissent in the Making of Colonial Angola (1907-1920)*, Filipa Lowndes Vicente e Inês Vieira Gomes traçam o perfil biográfico do capitão José Veloso de Castro, oficial do exército, que entre 1902 e 1920 prestou serviço militar em Angola, tendo sido Administrador de Luanda e Comandante

da Polícia. Para lá do serviço militar, Veloso de Castro dedicou-se à fotografia, colecionando um interessante espólio fotográfico da fauna, flora e sociedade angolana. O estudo coloca em evidência o processo judicial instaurado contra Veloso de Castro em 1919, cujas acusações permitiram às autoras captar as várias camadas de desigualdade atribuídas ao oficial.

O último capítulo intitula-se *Managing Inequalities: Welfare Colonialism in the Portuguese Empire since the 1940s*. Com este texto, Miguel Bandeira Jerónimo presta um grande contributo para a compreensão dos impérios coloniais do pós-guerra, particularmente com a emergência de novas modalidades de poder, bem como a ascensão e institucionalização do “welfare colonialism” para o caso português.

Este é, em suma, um livro que aporta novas e originais perspetivas históricas no que respeita à temática da desigualdade social no mundo lusófono. A análise mais profunda dos impactos do colonialismo nos territórios aqui em perspetiva, com novas abordagens, permite ao leitor conhecer melhor a evolução histórica e comparativa da desigualdade. *Inequality in the Portuguese-speaking world: global and historical perspectives* é uma obra de extrema importância para a compreensão dos atuais problemas das sociedades do mundo lusófono, e também permite aprofundar novas e diversas investigações na história do tempo presente, na história dos racismos e na história comparativa da expansão portuguesa.

DIOGO RIBEIRO FONSECA

Universidade de Coimbra, Faculdade de Letras

drfonseca1999@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-4495-8873>

